

Gênero e Sexualidade no Ensino de História: NARRATIVAS DE PROFESSORES/AS E ESTUDANTES LGBT's¹

Antônio Carlos Dias de Oliveira, Joaquim dos Santos.

Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: carlosdyasoliver@gmail. Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: c.joaquimsantos@yahoo.com.br.

Resumo: Resumo: Este trabalho pretende perscrutar narrativas de professores e professoras de história atuantes na educação básica pública e que incorporaram nas suas práticas educativas saberes e experiências tocantes à diversidade de gênero e sexualidade(s) no Cariri cearense do século XXI. De igual modo, almeja analisar narrativas de estudantes do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Regional do Cariri (URCA), no mesmo recorte temporal mencionado. Essa delimitação pretende fecundar o debate e a produção de conhecimentos históricos no que diz respeito às práticas de ensino e à formação docente, concomitantemente. A partir da história cultural, o estudo faz uso dos conceitos memória e sensibilidade, e vem sendo desenvolvido a partir da metodologia da história oral. Para isso, conta com a atuação de dois bolsistas de iniciação científica. Como resultados parciais é profícuo inferir que tomando o multiculturalismo como uma postura ética e política essencial para a construção de novas formas de ensinar e aprender história diante das demandas do século XIX, as narrativas de professores e estudantes tocantes às práticas de ensino e aprendizagens colocam em cena uma pluralidade de sentidos e muitos desafios a serem enfrentados dentro e fora da sala de aula.

Palavras-chave: Diversidade. Multiculturalismo. Formação de professores. Práticas de ensino.

¹ Bolsa de Iniciação Científica e Tecnológica (Bict/Funcap)

Introdução

Reiteramos a posição política, pedagógica e científica de que é necessário ouvir o professor de história. (...). Assim, a voz do professor é uma possibilidade viva de evidenciar modos de ser, pensar e agir que se relacionam com determinadas práticas pedagógicas desenvolvidas em determinados contextos sócio-históricos e culturais. A experiência é uma categoria central para a compreensão desse processo (SILVA, FONSECA, 2007, p. 41).

Ao analisarem processos formativos que entrelaçam a formação docente e a pesquisa acadêmica, os historiadores Selva Guimarães Fonseca e Marcos Silva (2007) salientam, entre outras questões, a necessidade de saber escutar a voz dos professores/as de história.

Ao reiterarem essa demanda, eles lembram como a formação e a profissionalização docente são resultados das vontades e responsabilidades individuais e coletivas, tanto no que diz respeito à obrigação institucional do Estado, quanto no que toca à sociedade como um todo. Nesses termos, é necessário coadunar e articular de forma dinâmica “os conhecimentos e as dimensões da experiência, das situações práticas, do mundo acadêmico e da realidade sócio-histórica e cultural que estamos vivendo” (SILVA, FONSECA, 2007, p. 41). Tais relações são complexas e flexíveis a variedades de interpretações, bem como são constitutivas do ser professor de história no Brasil (SILVA, 2013).

Sobre essa mesma contextura, Marcos Silva e Selva Fonseca (2007) chamam atenção para a construção de outras formas de ensinar e aprender história, sobretudo quando são postas em cena as demandas multiculturais do século XXI. É necessário construir um ensino de história que incorpore o multiculturalismo, sendo este entendido como uma postura ética e política de enfrentamento das desigualdades sociais existentes na sociedade brasileira, em virtude dos processos históricos que a compuseram e, nesse universo, do desenvolvimento do capitalismo. Assim, essa postura coloca em cena uma crítica ao sistema de ensino brasileiro, trazendo à luz do momento reivindicações de grupos historicamente marginalizados e segregados, como mulheres, pobres, trabalhadores, negros e negras, indígenas, LGBTs, entre outros. O multiculturalismo também é resultante das reivindicações desses sujeitos e grupos sociais (MOREIRA, CANDAU, 2013).

Logo, “os significados políticos e pedagógicos desse movimento para a educação e o ensino de história no Brasil estão sendo tecidos pelos sujeitos sociais, de modo particular, por professores e alunos em situações históricas determinadas” (SILVA, FONSECA, 2007, p. 47-48).

Este projeto de pesquisa pretende perscrutar narrativas de professores e professoras de história atuantes na educação básica pública e que incorporaram nas suas práticas educativas saberes e experiências tocantes à diversidade de gênero e sexualidade(s) no Cariri cearense do século XXI. De igual modo, almeja analisar narrativas de estudantes do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Regional do Cariri (URCA), no mesmo recorte temporal mencionado. Essa delimitação pretende fecundar o debate e a produção de conhecimentos históricos no que diz respeito às práticas de ensino e à formação docente, concomitantemente.

Vale lembrar que os professores desempenham papéis fulcrais nos diversos espaços educativos, nos quais é necessário desconstruir narrativas e discursos antidemocráticos, estereotipados e marcados pela discriminação de classe, gênero, sexualidade, ética, religião e etc (SILVA, FONSECA, 2007; ZAMBONI, LUCINI, MIRANDA, 2013). Outrossim, no Cariri, estudantes de história vem ocupando cada vez mais espaços públicos, e reivindicando mudanças sociais e políticas concernentes à valorização das diferenças de gênero e sexualidade. Como

lembra Ismênia Martins (2007, p.20): “a nossa disciplina é um lugar privilegiado para a construção da cidadania”.

É possível que muitas dessas demandas se tornem mais presentes nas práticas e vivências de professores e estudantes que se reconhecem como LGBT's (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais), uma vez que as identidades docentes e sociais são frutos das muitas vivências dos sujeitos em processos contínuos de formação (FONSECA, 2011; TARDIF, 2011). Partindo dessa premissa, este estudo privilegiará narrativas desses docentes da educação básica e estudantes universitários.

Para sua construção serão utilizados dois conceitos centrais, a saber sensibilidade e memória (oral). Esta última “não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significados”, como ressalta Portelli (2016, p. 18). Embora ela seja adaptada pelo meio social, o ato e a arte de lembrar não deixam de ser intimamente pessoais. Da mesma forma que a linguagem, a memória é social, ainda que só encontre materialidade na mente e na voz dos indivíduos. Ela é compreendida como um processo individual, que ocorre num ambiente social dinâmico, apoiado em instrumentos criados e partilhados socialmente. “Daí que as recordações possam ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Mas, tal como as impressões digitais ou o timbre das vozes, não existem memórias iguais” (PORTELLI, 2013, p.49).

Nesses termos, memória e sensibilidade podem ser articuladas. Tomando esta última como uma categoria conceitual da Nova História Cultural, ela é compreendida como um modo de apreensão e conhecimento do mundo que extrapola as dimensões do saber científico e racional. Dessa maneira, como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade se traduz em sensações e emoções. Ela corresponde aos modos pelos quais as sensações são interpretadas, organizadas e traduzidas mentalmente. São processos singulares pelos quais as sensações se transformam em sentimentos (PESAVENTO, 2007).

Se por um lado a sensibilidade é um sentir individual de cada um, portanto, marcada pela subjetividade, por outro, também é compartilhada, uma vez que “os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos através da sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro” (PESAVENTO, 2007, p.14). Nesse sentido, a capacidade mobilizadora das sensibilidades é projetada no campo da ação, da tomada de iniciativa, bem como no campo da estética, quando esta se refere “àquilo que provoca emoção, que perturba, que mexe e altera os padrões estabelecidos e as formas de sentir” (PESAVENTO, 2007, p.21).

A pesquisa se justifica em virtude da necessidade de compreensão das práticas educativas de professores e estudantes que, se reconhecendo como LGBTs, encontram no ensino de história uma ferramenta de formação social e cidadã, sobremaneira, uma forma de lutar contra a violência de gênero e sexualidade das quais eles/elas, bem como os demais LGBTs, enfrentam no cotidiano.²

Além disso, não há estudos históricos concluídos direcionados às narrativas de professores e estudantes de história LGBTs na região do Cariri cearense, embora ela seja considerada uma região com alto índice de violência contra a mulher e pessoas LGBTs (FROTA, 2012; SANTOS, 2017). Portanto, este estudo apresenta justificativas acadêmicas e sociais.

Objetivos

² Para maiores esclarecimentos sobre questões conceituais em torno da violência de gênero e dos limites da sexualidade, ver Gregori (2016).

Objetivo Geral:

- Analisar narrativas de professores e de estudantes de história que dialogam com a diversidade de gênero e sexualidade na educação básica pública da região do Cariri cearense, bem como em outros espaços educativos não escolares;

Objetivos Específicos:

- Perscrutar práticas de ensino de história que interseccionem a história regional e local com a violência de gênero e sexualidade no Cariri;
- Compreender como professores de história LGBT's que lecionam na educação básica do Cariri incorporam em suas práticas de ensino questões relacionadas à diversidade de gênero e sexualidade;
- Problematizar a relação entre identidade docente e empoderamento LBGT;
- Entender como outros processos formativos dos professores de história interferem nas suas práticas de ensino sobre história e diversidade de gênero e sexualidade;
- Investigar o processo de autorreconhecimento dos estudantes LGBT's durante suas vivências no Curso de História da URCA;
- Auscultar de que forma as disciplinas do Curso de História colaboraram para a reconstrução das identidades de gênero e de sexualidade;
- Analisar as experiências vividas pelos discentes, problematizando os saberes da formação e seus desdobramentos nos processos identitários.

Material e Métodos

Esta pesquisa histórica fará uso da história oral. De acordo com Alessandro Portelli (2010), ela é compreendida como uma narração dialógica que toma o passado como assunto e que é produzida a partir do encontro de um sujeito, identificado como narrador, e de outro, chamado de pesquisador. Tal encontro, geralmente é mediado por um gravador e um caderno de campo.

Nesse sentido, a especificidade maior da pesquisa desenvolvida mediante os usos da história oral está na produção do documento: a fonte oral. Ela é construída, é variável e parcial (PORTELLI, 2013). É no diálogo entre o pesquisador e o narrador que a fonte é produzida, considerando as inquietações de quem pergunta, as vontades de quem responde, os silêncios, os tempos e as demais implicações que ocorrem no diálogo e na troca de olhares entre dois e/ou mais sujeitos. Para Portelli (2013, 2016), essa é a grande riqueza da pesquisa. E, é na compreensão dessa interação que podemos perceber o significado e o funcionamento da memória do passado no presente, ao invés de tentar compreender o que de fato aconteceu. Nesse direcionamento, a história oral é compreendida como uma arte da escuta baseada em um conjunto de relações: entre pesquisadores e narradores; entre o tempo em que a entrevista acontece e o tempo histórico abordado; entre a esfera pública e a privada; entre a oralidade da fonte e a escrita dos pesquisadores (PORTELLI, 2016, p.12).

No desenvolvimento da pesquisa, serão entrevistados professores de história que trabalharam/trabalham questões relacionadas à diversidade de gênero e sexualidade nas aulas e/ou em outras atividades educativas, sejam elas nos espaços escolares ou não escolares do Cariri cearense. Dentre estes, serão selecionados como narradores em potência³ aqueles que se reconhecem como LGBT's.

De igual modo, serão entrevistados estudantes que se graduaram e/ou estão cursando o curso de História pela/na Universidade Regional do Cariri (URCA). O recorte temporal é circunscrito ao século XXI.

Para o bom andamento do estudo, serão necessárias duas bolsas de pesquisa. A primeira delas será dedicada às entrevistas com os professores de história que lecionam na educação básica (Bolsista 1). Já a segunda será dedicada a produção de entrevistas de história oral com os estudantes (Bolsista 2). Dessa forma, a pesquisa possibilitará a compreensão desses dois canais de produção de consciências históricas (a escola e a universidade). Além disso, os dois bolsistas farão pesquisas em narrativas escritas e virtuais. Elas serão selecionadas a partir das questões apresentadas nas entrevistas, se constituindo como documentos institucionais dos espaços escolares (relatórios, projetos pedagógicos e etc), jornais, revistas, fotografias, mídias e etc.

Resultados esperados

Como resultados esperados, o projeto elenca os seguintes itens:

- Produção de conhecimentos sobre práticas de ensino de história regional e local que incorporem as demandas do tempo presente, sobretudo atreladas à violência de gênero e sexualidade no Cariri cearense;
- Difusão de experiências exitosas promovidas por professores de história atuantes na educação básica do Cariri;
- Apresentação e publicação de trabalhos em eventos acadêmicos de história e áreas afins, bem como em periódicos especializados;
- Produção de entrevistas de história oral com professores e estudantes LGBT's do Cariri;
- Produção de saberes sobre a formação de professores de História na Universidade Regional do Cariri, especialmente no que diz respeito aos estudos sobre gênero e sexualidade;
- Diagnóstico da percepção dos ex-alunos do Curso de História sobre as identidades de gênero e sexualidade;
- Avaliação da contribuição do Curso de História nos processos identitários de estudantes LGBT's;

³ Narradores em potência são sujeitos que potencialmente poderão ser entrevistados no decorrer da pesquisa.

- Fortalecimento das trocas de experiências e realização de trabalhos coletivos entre os estudantes bolsistas e os demais partícipes do Núcleo de História Oral e Tradições (NHISTAL).

Cronograma de execução

(Descrever as atividades do projeto a serem executadas a cada mês. O proponente poderá incluir ou excluir linhas da tabela, conforme considere necessário.)

Atividades	2018											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
1. Reuniões de planejamento / orientações	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
2. Levantamento bibliográfico		X	X	X								
3. Elaboração do roteiro geral para as entrevistas			X	X								
4. Realização das entrevistas de história oral				X	X	X	X	X	X			
5. Transcrição das entrevistas					X	X	X	X	X			
6. Digitação das entrevistas					X	X	X	X	X			
7. Fichamento das entrevistas								X	X			
8. Organização do acervo de fontes orais									X	X	X	
9. Pesquisas – documentos complementares						X	X	X	X	X		
10. Organização do acervo de fontes complementares									X	X		
11. Elaboração do artigo									X	X	X	
12. Avaliação do projeto											X	X
13. Elaboração do relatório												X

Outras informações

É válido ressaltar que os dois bolsistas a serem selecionados participarão das atividades do Núcleo de História Oral e Tradições (NHISTAL), grupo de pesquisa cadastrado do Diretório dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O NHISTAL é vinculado ao Departamento de História da URCA. Os bolsistas atuarão ativamente articulando as atividades da linha de pesquisa “Gênero, Sexualidade e Ensino”.⁴

Referências

⁴ Sobre o NHISTAL e a linha de pesquisa mencionada, ver: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1610619462898728>

- COSTAS, Suely Gomes. Gênero e história. IN: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Orgs.). Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, pp. 187-208.
- DAS, Veena. Gênero e identidade: mapeando as questões. IN: JUNIOR, Brasílio Sallum et al. Identidades. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, pp. 67-80.
- FONSECA, Selva Guimarães (Orgs). Ensino de história e cidadania. Campinas, SP: Papirus, 2016.
- _____. Didática e prática de ensino de história. 12 ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.
- _____. SILVA, Marcos A. Ensinar história no século XXI: Em busca do tempo entendido. 4 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 43. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FROTA, Maria Helena de Paula et al. Assassinatos de mulheres no Ceará. Fortaleza: EdUECE; EDMETA, 2012.
- GARCIA, Sandra. Homens na intimidade: Masculinidades contemporâneas. Ribeirão Preto Editora: Holos Editora, 2006.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. História e gênero. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- GREGORI, Maria Filomena. Gênero, violência e os limites da sexualidade. In: SALLUM JÚNIOR, Brasílio et al. Identidades. São Paulo: EdUSP, 2016, p.81-98.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). Corpo, Gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MAGALHÃES, Marcelo de Souza. História e cidadania: por que ensinar história hoje? In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2009, p.168-183.
- MARTINS, Ismênia de Lima. História e ensino de história: memória e identidades sociais. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2007, p.13-21.
- MONTEIRO, Ana Maria et al. Pesquisa em ensino de história: entre desafios epistemológicos e apostas políticas. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014.
- MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MOTT, Luiz. Homossexualidade: mitos e verdades. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: Escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra J.; LANGUE, Frédérique (Orgs). Sensibilidades na história: Memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 09-11.
- PORTELLI, Alessandro. A história oral como a arte da escuta. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- _____. A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: Ética, memória e acontecimento na História oral. Tradução Miguel Cardina e Bruno Cordovil. Lisboa: Edições UNIPOP, 2013.
- _____. Ensaios de história oral. Tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. Rio de Janeiro: Letra e voz, 2010.
- _____. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: Muitas memórias, outras histórias. Tradução Helen Hughes e Yara An Khoury. São Paulo: Olho D’Água, 2004, p. 296-313.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. A mística do tempo: Narrativas sobre os mortos na região do Cariri. 2017. Tese (Doutorado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SILVA, Marcos (Org.). História: Que ensino é esse? Campinas, SP: Papirus, 2013.

STEARNS, Peter N. História das relações de gênero. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

ZAMBONI, Ernesta; FONSECA, Selva Guimarães (Orgs.). Espaços de formação do professor de história. Campinas, SP: Papirus, 2008.

ZAMBONI, Ernesta; LUCINI, Marizete, MIRANDA, Sônia Regina. O saber histórico escolar e a tarefa educativa na contemporaneidade. In: SILVA, Marcos (Org.). História: Que ensino é esse? Campinas, SP: Papirus, 2013, pp. 253-276.